



10 Passos para definir uma estratégia de sustentabilidade

Traçar um objectivo para uma cidade mais sustentável é definir um plano alargado que pressupõe actuar em várias frentes, seja ao nível ambiental, da mobilidade ou dos edifícios. O BCSD Portugal definiu 10 passos que podem ajudar a definir uma estratégia de sustentabilidade, seja para uma empresa, uma cidade ou uma região. Actualmente, existem já 10 cidades a desenvolver projectos no âmbito dos “Living Labs”

Cidália Lopes

clopes@construir.pt

O BCSD Portugal – Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável traçou o caminho para a transformação urbana em 10 passos. De acordo com Sofia Santos, secretária geral do BCSD Portugal, é possível delinear uma estratégia com vista à sustentabilidade das cidades através da elaboração de um conjunto de passos e, desta forma, “promover o pensamento sobre os temas que qualquer região e cidade devem ter em conta na definição de uma estratégia de sustentabilidade”.

Para Sofia Santos, que falava no seminário organizado pelo BCSD Portugal sobre “Cidades Sustentáveis: A transformação urbana em 10 passos”, este é apenas um exemplo de como é possível definir um projecto sustentável, seja para uma cidade ou para uma região. Aliás, considera, “os desafios futuros vão estar à escala das regiões e não só das cidades”, daí a importância de, cada vez mais, reunir várias e diferentes entidades para um objectivo comum.

Neste sentido, “a participação dos municípios é essencial, não só porque é o poder local a dar o exemplo”, salienta aquela responsável, mas também porque permite abranger uma maior área da população.

Os passos a definir

Definir as metas a aplicar e as obrigações existentes é o primeiro passo. Depois há que responder às questões: O que melhorar e como? e definir as necessidades locais. No terceiro passo definimos o Bench-



D.R.



Sofia Santos, sec. geral da BCSD Portugal

mark, ou seja, o que se vai fazer para suprimir essas necessidades e seguido do quarto passo, o Roadmap para que possamos definir o

caminho a seguir. Escolher o ecossistema que se vai abordar e de que forma é o sexto ponto, seguido do passo sete correspondente à esco-

lha das parcerias. Estes dois passos são um dos mais importantes já que vão definir todo o processo de actuação e que empresas ou sectores vão acompanhar este processo de transformação.

Envolver os cidadãos é também um passo muito importante, de acordo com Sofia Santos, já que são estes que, mais tarde, irão testar as medidas a implementar. A monitorização leva-nos ao passo oito e é com a informação que vamos recolher que será possível delinear a estratégias e as soluções a adoptar. O último passo consiste em definir formas de manter actuais as acções a tomar ao longo do tempo e por isso pode ser, ao mesmo tempo, o início de um novo ciclo.



“Num mundo em constante evolução, é normal que após atingirmos os objectivos propostos, novos surjam ou precisem ser reajustados”, referiu ainda a secretária geral do BCSD.

Sofia Santos recordou ainda que para que possa ocorrer qualquer “transformação urbana” é necessário ter presente os Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) que constituem os pilares basilares de uma sociedade moderna e equilibrada, capaz de gerar emprego e riqueza, respeitando, em simultâneo, a natureza e os direitos humanos. São, ao todo, 17 os ODS definidos pelas Nações Unidas e que devem ser implementados em todos os países até 2030. Cada país deve, assim, definir uma estratégia própria para mais facilmente atingir os objectivos.

Matosinhos - Bairro inteligente e sustentável

Candeeiros que medem emissões de carbono. Pavimento que reduz a velocidade de circulação sem inter-

MAIS 5M€ EM 2019 PARA “DESCARBONIZAÇÃO” DE CIDADES COM MAIS DE 200 MIL HABITANTES

4,5 milhões de euros foram já disponibilizados para as primeiras 10 cidades a integrarem o projecto piloto sobre “descarbonização”. Para 2019, o Governo espera poder alargar o programa a mais e maiores cidades, estando já previsto um novo financiamento na ordem dos cinco milhões de euros

Depois da experiência inicial, a que concorreram 35 autarquias com população entre 40 mil e 200 mil habitantes, está em preparação o financiamento para o mesmo objectivo - so-

luições urbanas de descarbonização - para cidades com mais de 200 mil habitantes, através do fundo EEA Grants. «Estão previstos cerca de cinco milhões de euros para desenvolver projectos nas maiores cidades», confirmou João Pedro Matos Fernandes, ministro do Ambiente, referindo que a principal diferença destes projetos, em relação aos que estão atualmente a ser desenvolvidos, é «a ambição, por serem em cidades maiores».

Actualmente, a fase que já está a decorrer do projecto “Laboratórios Vivos para a Descarbonização” conta com 10 municípios - Águeda, Alenquer, Almada, Braga, Évora, Loulé, Mafra, Maia, Matosinhos e Seixal. O programa piloto visa incentivar os municípios portugueses a desenvolverem projectos que visem combater e preparar melhor as cidades para as alterações climáticas.



venção do condutor. Um sistema de partilha de bicicletas ligada ao sistema de transportes públicos. Con-

tabilização em tempo real das emissões de CO2 poupadas com a mobilidade inteligente. Uma casa

coberta de painéis solares que acompanham o movimento do sol e que armazena energia.

Cidades



D.R.

Desenvolvido em parceria pela Câmara Municipal de Matosinhos e pelo CEiiA, Centro de Engenharia e Desenvolvimento de Produto, o “Living Lab” pretende criar no centro da cidade de Matosinhos um bairro inteligente, de baixo carbono, resiliente, acessível, participado e conectado, onde serão testadas, demonstradas e postas em prática, em contexto real, soluções tecnológicas, organizacionais e sociais integradas e orientadas para a descarbonização da cidade. O projecto terá impacto em áreas como a mobilidade, a energia, o ambiente, o urbanismo e a conectividade. O financiamento do Estado, de 500 mil euros, prevê um prazo de implementação e validação de soluções de até 1 ano. Porém, os parceiros do “Living Lab” concordaram em alargar a adoção destas soluções até 3 anos. A candidatura, refira-se, envolveu mais 18 parceiros, entre os quais se contam o Porto de Leixões, a Efacec, o Metro do Porto, a STCP e a Universidade do Porto.

"Para que possa ocorrer qualquer 'transformação urbana' é necessário ter presente os Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável que constituem os pilares basilares de uma sociedade moderna e equilibrada"

Dados em tempo real

Entre a tecnologia que será testada no bairro inteligente de Matosinhos, a criar na área entre a Rua de Goa e a Rua Conde Alto Mearim, conta-se o carregador rápido de veículo elétricos desenvolvido pela EFACEC, uma rede de cacifos eletrónicos para bicicletas, soluções de pagamento de estacionamento de suporte ao comércio local, informação em tempo real do tempo de espera dos transportes públicos, iluminação pública gerida por sensores

ambientais, um pavimento gerador de energia, um robot aspirador de folhas, um sistema de inteligência artificial aplicada ao controlo e gestão de edifícios ou um sistema de recompensa pela poupança nas emissões de carbono. Está ainda prevista a eletrificação dos veículos da frota municipal e dos veículos de serviços regulados pelo município (transportes públicos, táxis, veículos de turismo).

Um dos elementos diferenciadores do “Living Lab” é a capacidade de

monitorização e avaliação, em tempo real, das emissões de carbono e, portanto, dos impactos da actividade deste laboratório vivo na zona de intervenção e na cidade.

Desta forma, referiu, Catarina Selada, directora do Laboratório das Cidades do CEiiA, também presente no seminário organizado pelo BCSD Portugal, será possível, a médio prazo, “termos o Smart Cities Index” para o qual este organismo fez uma parceria com a plataforma de gestão de mobilidade do CEiiA – o mobi.me.

MobiCascais

A Câmara de Cascais tem desenvolvido medidas que visam a redução de consumos de energia, com forte aposta na tecnologia associada a energias renováveis e de utilização racional dos recursos, sendo já uma das quatro cidades portuguesas que integram a lista das 100 cidades em todo o mundo mais energeticamente sustentáveis. Cascais utiliza 73% de energia renovável, sendo que 52% desse total é obtido através de energia eólica e 13% de origem hidroelétrica, segundo o estudo divulgado pelo “Carbon Disclosure Project” (CDP), uma entidade sem fins lucrativos que visa alertar países, empresas, particulares a gerir responsabilmente o respetivo impacto ambiental.

Um dos projectos que actualmente se encontra a desenvolver é o MobiCascais, que pretende “encontrar uma verdadeira solução integrada de mobilidade” aplicada a uma grande área metropolitana e que tem tido como parceira também o CEiiA e o projecto “Living Lab”. “Há aqui uma intenção de fazer a ligação do município a Lisboa e outras localidades, criando uma visão global” daquilo que se presuppõe uma estratégia alargada de mobilidade.

Com vista a um forte incentivo à utilização de transportes colectivos, o MobiCascais visa a descarbonização da frota, mas também a uma mobilidade sustentável, rápida e económica. O MobiCascais integra bicicletas, autocarros, comboios, estacionamento automóvel, mas também o transporte de doentes, tendo sido colocado em todos os interfaces de transportes wifi gratuito e implantado um maior número de carregadores eléctricos, além de um parque de estacionamento MobiCascais que serve o objectivo de monitorizar o projecto, cujos dados vão integrar o futuro Smart Cities Index. ■

ADMINISTRAÇÃO LOCAL, UNIVERSIDADES E EMPRESAS

“Os projectos são muito diferentes entre si, e em nenhum deles as autarquias estão sozinhas, têm sempre universidades, centros de saber e empresas que se associaram para construir, concretizar, materializar muito boas ideias”, disse também o Ministro.

As propostas para retirar carbono da atmosfera - um dos objectivos do Acordo de Paris contra as alterações climáticas - podem abranger um edifício ou, como no caso de Almada, contemplar uma rua.

“Trata-se sobretudo de combater as alterações climáticas através da mudança de comportamentos que não é decretada em situação alguma”, realçou João Pedro Matos Fernandes, concluindo que “as pessoas já estão muito alerta para a necessidade de fazer diferente”.